

Visita de De Klerk a Maputo

LESTE E «BANDIDOS» NA AGENDA

África
20/12/89

DURANTE os encontros entre Chissano e De Klerk, os Presidentes de Moçambique e da África do Sul discutiram os acontecimentos da Europa Central e Oriental e o seu impacto possível na África Austral. «Chegámos à conclusão de que é necessário tomar em conta esses acontecimentos e compreender que, se nós na África Austral não encontrarmos maneiras de cooperar, particularmente no domínio económico, poderemos ser apanhados entre a espada e a parede», afirmou De Klerk.

Foi pois num clima de cooperação (pelo menos, a possível) que as negociações decorreram. Embora a agenda contivesse uma predominância de

assuntos económicos, os temas mais críticos foram, sem dúvida, o «apartheid» e a sua «reforma», bem como os «bandidos armados» e a sua anulação.

Quanto à questão sul-africana, o Presidente Klerk disse à AIM que «num mundo em mudança não podemos ser guiados por forças extremistas e conservadoras» numa alusão aos seus opositores da extrema-direita afrikaner.

Pelo seu lado, Chissano reafirmou que Moçambique está disposto a fazer tudo o que puder no sentido de «uma verdadeira democratização». E especificou que não se trata de «minorias passarem a ser oprimidas por maiorias em substituição



da actual opressão de maiorias por minorias», numa clara alusão tanto às políticas extremistas de certos grupos negros sul-africanos, como também num gesto tranquilizador para a comunidade branca sul-africana.

No que diz respeito ao

auxílio do Governo sul-africano à Renamo, o Presidente De Klerk disse: «Posso afirmar categoricamente que o Governo sul-africano não dá qualquer apoio.» No entanto, no que concerne ao auxílio vindo de privados no interior da África do

Sul, confessou: «Temos uma sociedade aberta.

Não controlamos o sector privado em toda a sua extensão. O sector privado é livre de movimentar mercadorias, de planear voos. Portanto, não posso assumir o compromisso categórico de que nada suceda a partir de fontes privadas. Mas, asseguro que somos contra isso e que tomaremos todas as medidas razoáveis para evitar que isso aconteça.»

No aeroporto, um repórter da AIM perguntou a Chissano se estava convencido de que já não há apoios provenientes da África do Sul. Chissano respondeu: «Se nem ele, De Klerk, está convencido disso, como posso eu convencer-me de que já

não há tais apoios?»

O Presidente moçambicano disse ainda não poder confirmar notícias segundo as quais a Renamo teria recebido novo carregamento de armas nas últimas semanas, no Sul do país. «Não tenho informações sobre isso, o que não quer dizer que não tenha havido.»

Quanto aos contactos com os cabecilhas da Renamo, Chissano recusou-se a dar respostas definitivas: «Preciso ainda falar primeiro com os mediadores (Arap Moi e Mugabe) para saber como está a situação.»

O Presidente Chissano, depois do encontro com De Klerk partiu para o Zimbabwe a fim de ali se encontrar com Mugabe.

«ÁFRICA»/AIM